

---

## RELAÇÕES DIALÓGICAS ENTRE O PACTO EDUCATIVO GLOBAL E A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: COMEMORAÇÃO DOS CEM ANOS DE PAULO FREIRE\*

---

DOI 10.18224/frag.v31i4.12253

NÁVIA REGINA RIBEIRO DA COSTA\*\*  
JOEL ANTÔNIO FERREIRA\*\*\*

**E**ste, sem dúvida, é um dossiê histórico! Em 15 de outubro de 2020, completou-se um ano do lançamento mundial do Pacto Educativo Global e, nesse mesmo ano, um outro marco histórico: a comemoração dos 100 anos de Paulo Freire, patrono da Educação brasileira. Então, ante a eventos tão relevantes e coincidentes, este dossiê, como uma iniciativa da Cátedra da Unesco na PUC Goiás, buscou reunir conhecimentos que colocassem em diálogo os projetos de Educação do Pacto Educativo Global e de Paulo Freire, os quais, entendemos, encontram ressonâncias e correspondência biunívoca, na medida em que, ambos, visam a colocar a pessoa no centro do ato educativo, com vistas a assegurar princípios de solidariedade, criatividade e responsabilidade na ação de educar pessoas disponíveis para atuarem socialmente. Assim, este dossiê apresenta-se como materialização, também histórica, do debate que concilia esses dois projetos educativos, mediante a socialização de reflexões sobre atos educacionais diversos que tenham a pessoa como seu epicentro e a ação de educar como prática de liberdade.

Os articulistas, nas relações dialógicas entre o Pacto Educativo Global e a educação libertadora, quase todos, enfocaram algum aspecto da visão profundamente transformadora de Paulo Freire. No ano de 2021, o mundo e o Brasil festejaram, em nível acadêmico, os cem anos do nascimento desse educador. Agregando-se a outras Universidades, a Pontifícia Universidade Católica de Goiás, por meio da *Revista Fragmentos de Cultura*, vem, também, com este número, festejar o educador mais ilustre do Brasil e um dos mais reconhecidos, em nível internacional.

O maior pedagogo brasileiro se chamava Paulo Reglus Neves Freire. Era pernambucano de Recife, nascido em 19 de setembro de 1921. Aos treze anos, com a morte do pai, por ser o aluno muito aplicado, o diretor do Colégio Oswaldo Cruz apostou no adolescente e o fez auxiliar de uma disciplina. Ele foi se especializando e, logo, tornou-se professor da Língua Portuguesa no

---

\* Recebido em: 20.12.2021. Aprovado em: 31.12.2021.

\*\* Doutoranda em Estudos Linguísticos na UFG. Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias pela UEG. Professora na PUC Goiás. *E-mail*: naviacr@gmail.com.

\*\*\* Pós-Doutor pela Universidade Georgetown de Washington. Doutor pela UMESP. Professor titular na PUC Goiás. *E-mail*: joelantonioferreira@hotmail.com.

mesmo colégio. Fez Ciências Jurídicas e assumiu o cargo de Diretor de uma escola de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria. Ali, ele iniciou o novíssimo método de alfabetização, em nível popular.

Ele foi intuindo, praticando o método com exercícios populares e se despontando com a apresentação de algo totalmente novo na perspectiva educacional: o método precisa surgir do lugar social dos oprimidos e marginalizados. A sua projeção foi tão rápida que o presidente João Goulart chamou o jovem Paulo Freire para estar à frente do Programa Nacional de Alfabetização. Foi uma dinâmica incrível a aplicação da nova pedagogia, em nível nacional. Estava despertando e estimulando uma legião de educadores no país. Quando estourou o golpe militar de sessenta e quatro, Paulo Freire foi preso e, depois, exilado (Chile e Suíça), onde pôde colocar, por escrito, muito do seu pensamento em torno da nova pedagogia. Nos tempos da ditadura, muitos de seus textos eram espalhados, em forma de polígrafos, entre grupos de engajamentos sociais. Ele só retornou ao Brasil, após dezesseis anos desse exílio.

Paulo Freire foi quem consagrou o conceito “conscientização”. Aprender a leitura do “bê-a-bá” é pouco e frágil. É o que ele chamava de educação “bancária”. Essa acomoda o educando e cria um modo de existir alienador. A educação deve levar o estudante à leitura do mundo para que este fosse transformado. Educar é, portanto, criar consciência crítica, que leve a atitudes políticas transformadoras e libertadoras. Por isso, o alfabetizado se vê, conscientemente, como pessoa livre. A educação supera o individualismo e a concorrência. Cria nas mulheres e nos homens um novo modo de usar a palavra e atitudes de quem vê o mundo (econômico, social, político, cultural, ideológico, religioso) que deve, sempre, estar em mudança. A educação é problematizadora.

A alfabetização, pelo método de aprendizagem, discute as experiências de vida. Isso muda tudo. Nos debates, manifestam-se as desigualdades e a visão das opressões sobre as camadas populares. As discussões abrem as cabeças para lerem o autoritarismo e as posturas populares contra isso. Por isso é que a educação incomoda a quem vive e defende o *status quo*. A prática vai se tornando libertadora. Entendemos que Paulo Freire vê a educação, também, como organização dos oprimidos. Ele, ao apresentar as etapas do “círculo da cultura” em torno do universo vocabular e da problematização, mostrou que o respeito ao educando e a conquista da autonomia são os grandes princípios desse círculo.

Assim, em comemoração ao centenário deste grande educador brasileiro e também com enfoque no Pacto Educativo Global, este Dossiê foi elaborado por treze acadêmicos brasileiros. Aqui, cada um enfoca uma janela do Pacto e quase todos/as procuram abrir uma janela do pensamento freireano.

Miguel Gonzales Arroyo, Professor Titular Emérito da Faculdade de Educação da UFMG, em seu texto intitulado *Cultura Padrão de Segregação Humana? Cultura padrão de educação-humanização?*. Numa primeira parte, ele mostra como a cultura, no Brasil, foi colocada, como campo de tensões políticas criminalizadoras (culturicídio), a serviço do padrão político de segregação humana. Foi imposta uma cultura única. Essa cultura hegemônica se impõe como culta e as outras de in-cultas e in-humanas. No entanto, com Paulo Freire, surge a “re-existência” cultural humanizadora porque essa surge como padrão de educação, libertação e humanização. No espírito de Freire toda revolução, se autêntica, tem que ser também revolução cultural.

Gillianno José Mazzetto de Castro, Mestre e Doutor em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco, Pós-doutor em Filosofia pela PUC-RS e Reitor do Unicatólica, em *O Pacto Educativo Global no Processo de Ensino-Aprendizagem na Educação Superior*, reflete sobre a prática educativa no ambiente universitário inspirada pelo Pacto Educativo Global. Considera que o processo de ensino-aprendizagem na educação superior à luz do Pacto promove a integração entre os ambientes

e os membros da comunidade educativa, por meio de diálogo cujo epicentro seja a pessoa humana, considerada e respeitada em sua diversidade. Destaca as perspectivas interafetivas e intersubjetivas na construção do processo de ensino-aprendizagem, os elementos eficazes na construção de um espaço educativo integral e integrativo, e a capacidade relacional do ser humano no exercício de aprender e ensinar. Ressalta que a prática educativa norteada pelo Pacto Educativo Global pensa o desenvolvimento integral da pessoa do estudante e não apenas sua aprendizagem de conteúdo ou o desenvolvimento de uma habilidade instrumentalizante.

Rubens Alves Costa, Doutor em Ciências da Religião com Área de Concentração em Literatura Sagrada pela PUC Goiás, no artigo que se intitula *Buscai em Primeiro Lugar a Justiça de Deus: uma perspectiva do ensino e da educação em Mt 6,25-34*. Este texto está no Sermão da Montanha, uma obra literária de caráter educativo, abrangendo o ensino e a educação. O Sermão quer ensinar e educar os membros da comunidade que eram marginalizados no império romano. Era possível viver a Justiça e viver em comunidade apesar dos dominadores. O ensino da Justiça que leva à igualdade, solidariedade e partilha refletem a práxis socioeducativa para a liberdade e a preservação da vida. O ensino de Jesus, efetivado pelo discípulo Mateus, constrói uma sociedade na qual mulheres, homens e crianças serão verdadeiramente livres.

Isabelle Maria Campos Vasconcelos Chehab, Pós-Doutora em Direito Agrário da UFG e advogada das mulheres, intitula-se *Direito à Educação, Meninas e Mulheres e Pandemia no Brasil*. O “Direito à Educação” para meninas e mulheres é assegurado, também, pela Constituição. Isso sempre foi trágico e se complicou com a pandemia mundial. A partir do olhar freireano, novas e desafiantes estratégias de ensino-aprendizagem precisam aproximar os/as docentes e os/as discentes, especialmente as meninas e mulheres, incentivando a autonomia, o enfrentamento da violência doméstica e estimulando o protagonismo do afeto e do senso coletivo para atingir a educação emancipatória, democrática e cheia de esperança.

A doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFG, Anapaula de Almeida, trabalhou *Práticas de Letramentos: possíveis diálogos com a proposta freireana*. Ela dialoga com vários especialistas e revisa a literatura que se envolve com as práticas de letramento e procura os princípios freireanos de educação como prática transformadora e aí confronta com os autores escolhidos por ela. Traz para o debate a concepção de novos letramentos, multiletramentos e letramento crítico. Procura demonstrar que as práticas de letramento refletem o legado de Paulo Freire de prática educativa como prática de liberdade, de responsabilidade social, de transformação, de formação da consciência crítica em busca da emancipação humana.

José Frederico Sardinha Franco, Doutorando em Ciências da Religião pela PUC Goiás, brindou-nos com o texto *O Patriarcalismo e o Lugar do Feminino na Pedagogia Paulina*. Ele partiu do Hino Batismal (Gl 3,26-28) e escolheu a afirmativa de que, a partir de Jesus Cristo, não há mais diferença entre homem e mulher, para mostrar o pedagogo Paulo. Apresentou o peso do sistema patriarcalista mundial em toda a época do Antigo Testamento e afunilou no império romano e na civilização grega. Esses eram os tempos de Jesus e Paulo e, então, desenvolveu o ensino paulino e sua pedagogia, rompendo com o sistema patriarcalista de opressão às mulheres e, com esse método pedagógico, Paulo trouxe dezenas e dezenas de mulheres para aderirem ao Evangelho e tornarem-se missionárias: algo impensável naquele universo desigual e injusto.

Já Rafael dos Reis Farias e Eliane Marquez da Fonseca Fernandes pesquisaram *Linguagens, Códigos e Tecnologias na BNCC do Ensino Médio: Análise do Conceito de Autonomia*. Rafael é mes- trando em Letras pela UFG e Eliane é Pós-Doutora pela UNB e professora no PPG em Letras e

Linguística na UFG. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para o Ensino Médio apresenta o vocábulo “autonomia” por trinta e uma vezes. Os autores perceberam “estranhezas” no texto (discursos fúteis distantes da realidade das escolas brasileiras) e partiram do russo Bahktin e de Paulo Freire para compreenderem o sentido de autonomia para os estudantes. Esses dois pensadores apontam a importância da autonomia no campo dialógico-interativo. Após tantas análises da autonomia do aluno, os articulistas colocam questões angustiantes como a do docente que institui a autonomia do aluno e, em consequência, tira a sua autonomia como professor.

Eliane Silva, Mestre e Doutora em Educação vinculada à PUC Goiás, e Romilson Martins Siqueira, Pós-Doutor, Doutor e Mestre em Educação também vinculados à PUC Goiás, em *Paulo Freire e Dom Paulo Evaristo Arns: homens à frente do seu tempo*, pretendem, neste artigo, marcar historicamente o Centenário de Paulo Freire e de Dom Paulo Evaristo Arns, dois grandes pensadores da Educação marcados pelo humanismo cristão e comprometidos com a transformação social e política. Discutem as ressonâncias havidas entre os fundamentos epistemológicos, políticos e humanos presentes no conjunto da obra dos dois educadores. Demonstram que o ver-julgar-agir atua, no projeto educativo de cada um deles – a partir de seu lugar histórico, mas com propósitos semelhantes –, como processo capaz de desvelar a realidade, que se constitui em espaço de opressão, mas, também, de libertação humana, tendo a dialética como forma de compreensão dessa realidade e a luta como meio de se combater a desigualdade social.

Geraldo Mateus de Sá, Doutorando em Educação na PUC Goiás, Mestre em Educação Universidade Federal de São João Del Rei e Professor na Universidade do Estado do Pará, em *Um esboço da história intelectual de Paulo Freire*, reflete sobre a História Intelectual como área de conhecimento, que visa a estudar um intelectual em consonância com a cultura, as experiências de vida e os contextos históricos que as possibilitam, tendo como mote a história intelectual de Paulo Freire (1921-1997). Considera Paulo Freire um intelectual marcado por ideias de caráter polissêmico, cujas ações concretas engendradas na realidade educacional refletiram a sua luta contra qualquer forma de opressão. Concluiu que a história intelectual de Paulo Freire se revela como provocadora de mudança social e política, na medida em que tal educador contribuiu para a busca do combate e da transformação de práticas educacionais que oprimem o ser humano.

Aldimar Jacinto Duarte, Doutor e Mestre em Educação vinculados à PUC Goiás, em *A ação dialógica de Paulo Freire e os processos formativos em contextos de resistência*, analisa como o fundamento teórico e epistemológico freireano se torna basilar para que lideranças e educadores encontrem, por meio dos processos de ação dialógica, caminhos para fazer frente ao desmonte que a democracia no Brasil vem sofrendo nos últimos tempos e para a superação de uma realidade histórica marcada pela exclusão e opressão. Demonstra que a análise crítica da realidade brasileira e dos processos de construção e desconstrução da democracia no mundo ocidental, realizada com fundamento no conjunto da obra de Paulo Freire, possibilita a visão de como se exercer efetiva resistência, por meio do diálogo. Além disso, defende que é, por meio das relações dialógicas qualitativas, que os excluídos terão espaço social, sendo elas instrumentos na luta pela defesa dos direitos humanos, da democracia, da cidadania ativa e da justiça social.

José Abel Sousa, Doutor em Teologia Pastoral pela Puc-Rio, Professor na Puc-Rio e Coordenador da Pastoral Universitária da Puc-Rio, e Elaine de Azevedo Maria, Mestre em Ciências Sociais e Graduada em Teologia, em *Educação inculturada e transdisciplinar: um estudo de caso do curso “projeto de vida – formação complementar em direitos humanos”*, apresentam, com base em perspectiva transdisciplinar, alternativas aos modelos tradicionais de evangelização na universidade católica. Discutem que a busca de tais alternativas inovadoras se deve, entre outras iniciativas em

favor da Educação, ao Pacto Educativo Global, como um chamado para a transformação da sociedade, priorizando-se a educação solidária e humanista. Expressam que o Pacto Educativo mobiliza instituições, governos e igreja a tornarem concretas ações educacionais e especificamente a universidade católica para promover o ensino dos direitos humanos pautado pela transdisciplinaridade, com o fim de formar o universitário com excelência acadêmica e profissional, fundamentada em valores éticos e humanismo cristão.

Maria Lúcia de Fátima Melo Alves Calabria, Mestre em Intervenção Educativa e Social pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb); Ivonete Barreto de Amorim, Pós-Doutora, Doutora e Mestre em Educação vinculada à Uneb; e Raiane Cordeiro de Araújo, também pesquisadora no campo da Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Social, vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Conceição do Coité e à Uniasselvi (BA), em *Relação dialógica entre educação e espaço não formal: o artesanato em foco*, estabelecem entre a Educação e o espaço não formal um diálogo, tendo como meio a produção de artesanato. Refletem sobre a pujança da educação popular como possibilidade de alcance de melhoria da qualidade de vida das pessoas, naquilo que se refere à garantia dos direitos sociais e de inclusão nas políticas públicas, na medida em que a educação popular se constitui como processo intrínseco à história, à arte, à cultura, isto é, ao cotidiano delas. Discutem ainda a importância que a educação social na produção de artesanato representa, uma vez que se desenvolve por meio da horizontalidade dos saberes e dos fazeres.

Por fim, Cintya Cardoso Gomes, Doutoranda em Linguística na UnB e Mestre em Linguística Aplicada pela Unitau-SP, em *Educação freireana no contexto das políticas linguísticas de inclusão para estudantes com deficiência visual*, realiza importante problematização sobre o acesso das pessoas com deficiência visual à educação igualitária, no que se refere à aquisição de formação linguística em língua materna, tendo como *corpus* de análise os Marcos Político-Legais da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Projeto Grafia Braille para Língua Portuguesa. Considera que, sendo o Braille o meio absoluto de aquisição de conhecimento formal, o deficiente visual não apodera do conhecimento de sua língua materna, tornando-se, nessa medida, um instrumento de exclusão das políticas linguísticas para estudantes com deficiência visual.

Caro/a leitor/a, desejando-lhe uma boa leitura, esperamos que o Pacto Educativo Global e a comemoração do centenário do nosso grande e saudoso educador Paulo Freire sejam mais uma fonte dos debates entre aqueles que, de fato, acreditam na Educação como criadora de consciências críticas, libertadora das opressões e transformadora das injustiças e assimetrias.

Excelentes leituras!